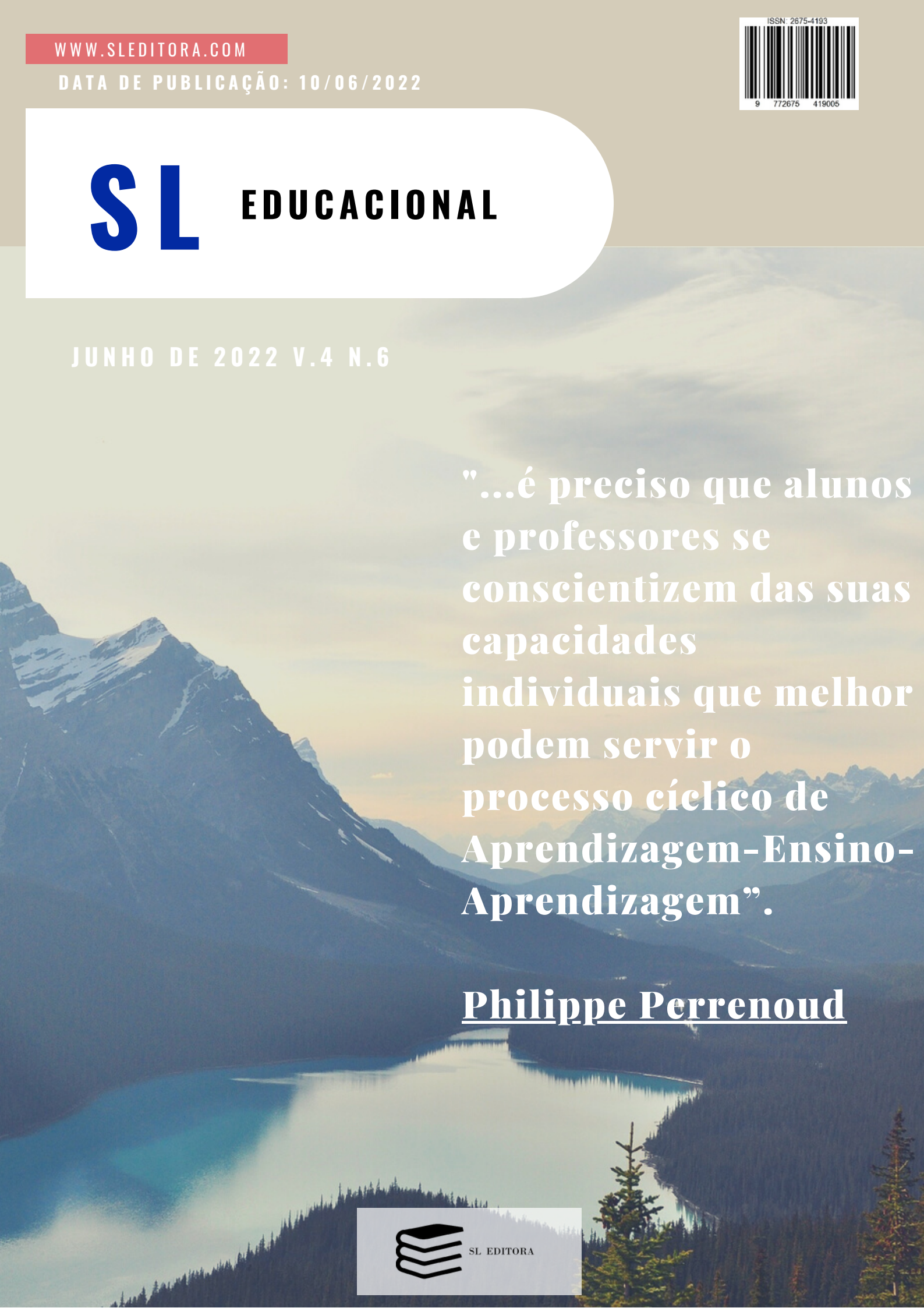
WWW.SLEDITORA.COM

DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/06/2022

ISSN: 2675-4193

SL EDUCACIONAL

JUNHO DE 2022 V.4 N.6



"...é preciso que alunos e professores se conscientizem das suas capacidades individuais que melhor podem servir o processo cíclico de Aprendizagem-Ensino-Aprendizagem".

Philippe Perrenoud

SL EDITORA

Revista SL Educacional

N° 6
Junho 2022
Publicação
Mensal (junho)
SL Editora
Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060
São Paulo – SP – Brasil
www.sleditora.com
Editor Chefe
Neusa Sanches Limonge
Projeto Gráfico e capa
Lucas Sanches Limonge
Diagramação e Revisão
Rafael Sanches Limonge

Revista SL Educacional – Vol. 4, n. 6 (2022) - São Paulo: SL Editora, 2022 – Mensal
Modo de acesso: https://www.sleditora.com/

ISSN 2675-4193 (online)

Data de publicação: 10/06/2022

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370
CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

A HISTÓRIA DA LITERATURA DOS CONTOS DE FADAS
Maria Fernanda Barbarulo.....4
A POLÍTICA DE REPARAÇÕES E VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFROBRASILEIRA E DIVERSIDADE BRASILEIRA
Vera Lúcia Alves.....19

A HISTÓRIA DA LITERATURA DOS CONTOS DE FADAS

Maria Fernanda Barbarulo

RESUMO

Neste trabalho buscarei apresentar um pouco da história do universo dos contos de fadas. Através de pesquisa bibliográfica, apresentarei uma linha temporal indicando os personagens mais importantes e suas obras, bem como o surgimento dos contos de fadas

A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

De acordo com Cademartori (1994), o início da literatura infantil teve início por volta de 1628 a 1703 por Perrault com seu livro Contos da mãe Gansa (1697). Os contos incluídos nesse livro são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. Posteriormente surgiram alguns escritores que ficaram conhecidos mundialmente como Andersen, Collodi, irmãos Grimm, Lewis Carol, Bush e outros.

Coelho (2003) afirma que a origem dos contos, das narrativas, é celta e apareceram na história em forma de poemas. A primeira coletânea de contos infantis foi publicada na França, durante o século XVII, durante o reinado do Rei Luís XIV e surgiram especificamente voltados aos adultos. O livro Contos da mãe Gansa nasceu através dos estudos da literatura folclórica e popular.

Os livros que de início não eram voltados ao público infantil, foram tomando lugar no universo das crianças a partir do século XVIII, onde por falta de interesse dos adultos as fadas adentraram ao universo infantil. Pouco depois houve uma preocupação com a linguística onde os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm deram diferentes contextos às histórias. Publicaram então entre (1812 e 1822) diversos contos, entre os quais alguns foram traduzidos para a Língua Portuguesa, tais como, A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Corvo, As Aventuras do Irmão Folgazão, A Dama e o Leão.

No século XIX podemos destacar as publicações de A Condessa de Segur, Alice no país das maravilhas e Pinóquio, publicados por Hans Christian e Collodi, respectivamente.

Para analisar os contos de fadas como possível potencializador da aprendizagem, preciso analisar sua origem. Encontrei no livro “Os sete contos de fadas” da autora Kupstas (1993), afirmações onde a autora afirma que os contos de fadas são narrativas muito antigas e que inicialmente não eram destinadas às crianças, mas que eram mitos difundidos por inúmeros povos, a exemplo dos hindus, persas, judeus, gregos. A autora afirma que essas narrativas eram na verdade, expressões de conflitos entre o homem e a natureza.

De acordo com Coelho (2003) a necessidade do ser humano em contar histórias, surgiu inicialmente quando esse ser primitivo sentiu a necessidade de explicar racionalmente o mundo que o cercava. Dessa forma pode buscar compreensão aos eventos que não compreendia, como por exemplo, atribuir o som dos trovões a guerra entre deuses, ou ainda, que as correntezas e a água fossem controladas por sereias.

Coelho (2003) também afirma que como os contos de fadas são tradições orais não há como definir sua origem. Possivelmente existem há milhões de anos, porém sua valorização ocorreu há alguns séculos, quando

os contos foram voltados às crianças com contações cada vez mais lúdicas, cativando sua propagação até os dias de hoje.

Os contos de fadas como conhecemos hoje, segundo Santos (2011), tem grande ligação com o livro de Perrault e os Irmãos Grimm, conhecidos como “Os Contos dos Irmãos Grimm.”

FIGURA 1 – Os livros de Perrault e dos Irmãos Grimm

Perrault teve um papel fundamental nas histórias infantis, pois dentro da cultura europeia, ao reunir em um só livro as histórias dos franceses da camada popular, resgataram as histórias contadas no boca a boca, ou seja, não escreveram integralmente as histórias, mas sim fizeram adaptações nos contos tradicionais das camadas populares da França, que não sabiam escrever, e compilou as informações em formato de livro.

Alguns dos contos tinham conotação forte, histórias que de acordo com o autor necessitavam de adaptações para ser aceito pela corte do rei Luís XIV. Ao realizar as adaptações nos contos originais o autor alterou

questões referentes a sexualidade e a violência, tornando-as mais aceitáveis pela corte erudita.

Encontramos nos estudos de Coelho (2000) uma citação que vai de encontro ao que estamos afirmando:

> "Vulgarmente, tais estórias circulam na França (e daí para os demais países) como 'contos de fadas', rótulo que os franceses usam até hoje para indicar 'contos maravilhosos' em geral. Nessa coletânea, a metade não apresenta fadas. São apenas 'contos maravilhosos', por existirem em um espaço 'maravilhoso', isto é, fora da realidade concreta. É o caso de 'Chapeuzinho Vermelho', 'O Barba Azul', 'O Gato de Botas', e 'O Pequeno Polegar'. (COELHO, 2000, p.90).

O autor faz uma crítica à forma como foram modificadas as histórias, uma vez que o livro *Contes de maMèrel'oye (Contos da mãe Gansa)* não era voltado ao público infantil, mas sim à corte francesa como forma de entretenimento geral das pessoas letradas.

As histórias tiveram boa aceitação não só pela população nobre como também pelo público infantil. As narrativas simples acessíveis às crianças levaram-nas a um mundo fantástico onde tudo terminava bem e feliz. Os contos desempenhavam a partir de então um processo que tinha como objetivo moralizar e instruir os indivíduos, mesmo com os contos sendo transmitidos oralmente, primeiramente os adultos e posteriormente as crianças.

Após a publicação dos "Contos da mãe Gansa", os Irmãos Grimm, que também buscam o maravilhoso mundo de fantasias, publicaram obras através dos contos populares transmitidos oralmente pelos alemães como forma de preservar a cultura popular, uma vez que não era destinada a nenhuma corte como foi o caso de Perrault.

Coelho (2003), afirma que:

> “Em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, Os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil.” (COELHO, 2003, p.23).

As transformações das histórias redirecionaram o material que ora apreciado por todos foram voltados às crianças. Esse direcionamento está ligado as com as transformações culturais que ocorreram na Europa.

Os Irmãos Grimm dedicaram sua vida aos estudos. Formaram-se em direito e buscavam através das lendas e da tradição oral do povo alemão, guardar e significar a cultura e a história de seu povo.

Jacob e Wilhelm Grimm percorreram a Alemanha buscando nas narrativas populares, na esperança de que não fossem esquecidos. Recolhiam histórias de pessoas muitas vezes analfabetas, pessoas de aldeias, camponeses, barqueiros, músicos, cantores, tudo isso nos primeiros anos do século XIX.

Esse compilado de informações deu origem ao livro *KinderundHausmarchen* (Histórias das crianças e do lar), o primeiro manuscrito apresentou 51 narrativas e o produto final foi organizado em três volumes. Na Inglaterra os contos foram tidos como tolices e injuriosos e não tiveram boa aceitação, sendo recolhidos e tirados de circulação rapidamente.

No Brasil, os contos populares chegaram às crianças a partir da segunda metade do século XIX, onde traduções e adaptações dos contos europeus escritos por Perrault e os Irmãos Grimm chegaram ao público brasileiro.

A literatura infantil no Brasil teve como marco o livro de Andersen “O patinho feio”, no século XX, logo algumas histórias de Monteiro Lobato também surgiram como seu primeiro livro “Narizinho Arrebitado”, logo outros livros do autor também fizeram sucesso entre os brasileiros e até hoje são bastante conhecidos e utilizados.

A LITERATURA INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS

Atualmente vemos um mercado cheio de livros infantis e totalmente voltado às crianças de acordo com cada faixa etária. Porém nem sempre foi assim como identifica os estudos de Priore et al. (2007), a literatura hoje não tem o intuito de impor regras de doutrina às crianças. Ao contrário, como afirma Carvalho (1985), permite que a criança conheça valores estéticos e humanos, oferecendo recreação e aprendizagem.

De acordo com Góes (1991) em relação à literatura infantil:

> “A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos. Assim como as preferências, o gosto pela leitura e a escolha de valores são adquiridos através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças. (...) num aspecto estético-formativo e na educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens.” (GOÉS, 1991, p.22).

Carvalho (1985) afirma que “sonhar é preencher vazios, é criar condições terapêuticas para os impactos da realidade, é libertar-se” (p. 64). Os contos de fadas permitem que as crianças encontrem-se e organizem-se no mundo, talvez essa seja a principal função da literatura infantil e dos contos de fada.

A palavra fada (fatum) quer dizer fado, ou destino, estendido para dona ou deusa do destino. As fadas são seres de inspiração mitológica, com origem céltica ou nórdica, são seres com poderes especiais. Tudo que é humanamente impossível torna-se permitido através da magia, ou objetos que contém magia. De acordo com Góes (1991) os primeiros contos de fada que se sabe datam de à Idade Média, por volta do século V.

Carvalho (1985) ressalta que os contos de fadas são narrativas simples, diretas acessíveis e familiares ao cotidiano da criança.

Shakespeare, segundo Góes (1991), retrata as fadas como seres geniosos e temperamentais. As fadas muitas vezes apresentadas nas histórias são representações de ações humanas como o bem e o mal.

Ainda segundo Góes (1991), as personagens dos contos de fadas possuem características bem definidas, sem espaço para ambiguidade de personalidade. O mal é mal, em sua essência. Para Carvalho (1985), a estrutura da história deve ser plana, simples e atemporal, sem uma definição exata de quando aconteceu, é fantasioso e a trama gira em torno de um personagem principal.

Figura 2 – Obras da literatura infantil. *Fonte: Google, 2016.*

Após esta abordagem histórica, situando os contos de fada e a literatura infantil, devemos no próximo capítulo verificar as possibilidades de utilização dos contos de fadas como ferramenta em que há potencial de contribuir aos processos de alfabetização.

OS CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO.

Neste capítulo apresentarei a forma como os contos de fadas e a literatura infantil estão relacionadas com a Educação. Evidenciarei as formas com que a literatura ganhou espaço dentro da escola e como esse importante espaço aberto sugere novas formas de pensar e fazer Educação.

A educação das passou por várias transformações através dos séculos de história. Muitas das transformações ocorreram por consequências ou em decorrência dos estudos à época. Uma das transformações mais importantes que temos é a inserção do livro como ferramenta indispensável à vida da criança, pois esta deixou de ser um adulto em miniatura e passou a ser reconhecida como ser que tem características e necessidade próprias.

Encontrei no documento, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), norteador das práticas pedagógicas de (1998) afirmações de que o processo de socialização está ligado ao desenvolvimento da identidade.

Como sabemos e já afirmei neste trabalho, os contos de fadas não foram feitos intencionalmente às crianças. Contudo apontei vários autores que no decorrer do tempo, tiveram como objetivo intervir e modificar as histórias narradas pela população a uma linguagem acessível também às crianças.

Ainda segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 163), “As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado”.

No início do século XX, a criança passa a ser considerada um ser com necessidades próprias e assume maior visibilidade nas estruturas sociais, onde se iniciam processos de preocupação e respeito com as necessidades de seu desenvolvimento. As ciências passam a analisar as estruturas da criança em várias áreas, entre elas, psicologia, sociologia e a própria educação. Desse modo, a literatura infantil também passa a ter maior visibilidade e começa a desenvolver-se de forma mais evidente.

Assim, Lajolo (2002) expõe que os laços entre a literatura e a escola começam neste ponto, de forma que as crianças começam a consumir obras impressas.

No Brasil, a valorização dos livros também se deu dessa forma, como recurso pedagógico, com a intenção de apresentar às crianças bons exemplos de comportamento em sociedade.

José Monteiro Lobato, segundo Coelho (1991) foi o autor responsável por difundir a verdadeira literatura infantil, como vemos:

> A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia. (COELHO, 1991, p.225).

Monteiro Lobato, como ficou conhecido, passou a investir na literatura para crianças. Para ele o contato da criança com o texto literário desde cedo é fundamental, pois assim despertará a imaginação e a cativará

para a experiência leitora, e assim, possibilitará que ela tenha mais interesse pelos livros.

De acordo com Barros (2013), durante as décadas de 30 a 60, as obras da literatura infantil foram substituídas por cartilhas didáticas e somente na década de 70 foi tida como importante para o desenvolvimento intelectual e cultural da criança. Nessa época foi fundado o Instituto Nacional do Livro (1973).

Ainda de acordo com a autora, foi com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5962 de 1971), LDB, decreta que o ensino da língua nacional deve ser feito por meio de textos literários. A partir de então, as obras destinadas à literatura infantil expandiram-se consideravelmente com um grande aumento de autores e editoras interessados nesse tipo de publicação.

De acordo com Lajolo (2002):

> “Outra forma de adequação a esse mercado ávido, porem desabituado da leitura foi a inclusão, em livros dirigidos à escola, de instruções e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionários e roteiro de compreensão de texto marcam o destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis, a partir de então lançados, quando também se tornam comuns as visitas de autores a escolas, onde discutem sua obra com os alunos.” (LAJOLO, 2002, p.123).

O comércio reconheceu a oportunidade. Houve então um aumento considerável no número de livrarias voltadas ao público infantil, onde vários autores começaram a consagrar-se devido à qualidade do material que escreviam como exemplos, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector.

Os contos de fadas por possuir linguagem fácil e encantadora e fala do interior infantil, também começa a ganhar destaque, e temos:

> “Os contos de fadas, a produção literária infantil, assim como as criações do grupo são ótimos materiais para o desenvolvimento dessa atividade que poderá utilizar-se de sons vocais, corporais, produzidos por objetos do ambiente, brinquedos sonoros e instrumentos musicais.” (BRASIL, 1998, p.62).

Referências Bibliográficas

BARROS, P. R. P. Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. São Paulo, 2013. 54 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Pedagogia, UNISALESIANO, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, 2013.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Mec, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, B. V. **A literatura Infantil: visão histórica e crítica.** (4ª edição). São

Paulo: Global. Capítulos: I, II, IX, 1985.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos.** São Paulo: DCL, 2003.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna,

2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**. 4ed. São Paulo:

Ática, 1991.

DUARTE, Newton. **A Individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-

social da formação do Indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Característica General Del Desarrollo Psíquico De Los Niños. In:

SMIRNOV, A. A. et al. **Psicología**. México: Editorial Grijalbo, 1969a. p. 493-503.

_____. Desarrollo psíquico del niño desde el nacimiento hasta el ingreso en la

escuela. In. SMIRNOV, A. A. et al. **Psicología.** México: Editorial Grijalbo, 1969b. p.

504- 522.

_____. Sobre el problema de la periodizacion del desarrollo psíquico en la

infancia. In: DAVIDOV, V, & SHUARE, M. (org.). **La psicología evolutiva y**

pedagógica en la URSS (antología). Moscú: Editorial Progreso, 1987b. p. 104-123.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. (2ª edição). São Paulo: Pioneira, 1991.

GOUVEIA, Beatriz; ORENSZTEJN, Miriam. **Alfabetizar em contextos de letramento**. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006. pp. 34-

37. Disponível em:

http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/praticas_de_leitura_e_escrita.pdf> Acesso em 12/09/2016.

KUPSTAS Márcia. et ali. **Sete faces do conto de fadas**. (Coleção Veredas). São Paulo. Moderna, 1993.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo:

Ática, 2002.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas 2003.

LEONTIEV, Aléxis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Trad. Maria Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, EDUSP, 1988a. p. 59- 83.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto

Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, Lígia Márcia. Especificidades do desenvolvimento Afetivo-cognitivo de crianças de 4 a 6 anos. In. ARCE, Alessandra, MARTINS, Lígia Márcia(orgs.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil?** em defesa do ato de ensinar. Campinas, SP: Alínea, 2007, p. 63-92.

MEIRELES, Cecília. **Criança, meu amor**. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução Claudia Berliner.

São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das crianças no Brasil.** (6ª edição). São Paulo:

Contexto, 2007.

SANTOS, S. M. O. dos. **Os contos de fadas e o processo de individuação das crianças**. 121 p. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Arteterapia) – ISEPE, Rio de Janeiro, 2011.

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas**. Tomo IV. Trad. Lydia Kuper.

Madrid: Visor Dist. S. A., 1996.

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: para conhecer a**

Literatura Infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.

ZILBERMAN, R. **A Literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

A POLÍTICA DE REPARAÇÕES E VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFROBRASILEIRA E DIVERSIDADE BRASILEIRA

Vera Lúcia Alves

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a redefinição e valorização da história e cultura africana na escola e contribuir para o debate sobre as questões que envolvem pessoas de ascendência Africana no Brasil, em particular, no campo educacional. Acredita-se que esta discussão é necessária, especialmente se nós concebemos como marginalizados e culturas que precisam ser revistos, rediscutidas, imortalizado e ressignificado estereotipados. E assim, (re) construção de novas perspectivas sobre a diversidade racial, étnica e cultural do povo brasileiro; planejar ações contemplativas que quebram paradigmas, especialmente aquelas relacionados ao ensino de História Africana e Cultura, Afro-Brasileira e Indígena no sistema de educação formal.

Palavras – chaves: Educação Multicultural. Resgate Cultural. História.

INTRODUÇÃO

> *Enquanto o negro brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão cultural se manterá no país.*
>
> *(João José Reis, 1993, p. 189)*

A cultura de uma nação é transmitida de geração em geração como maneira, de sustentar seus costumes, princípios crenças, tradições e visões do mundo. Assim, é comum Revista do Difere - ISSN

2179 6505, v. 3, n. 6, dec. / 2013 que sociedades modernas, particularmente em sociedades multiculturais e multiétnicas, como o Brasil, do destaque de uma cultura em detrimento de outras. Na sociedade brasileira, a sobrevalorização da cultura europeia e a inferiorização de demais culturas, em especial as de matrizes africanas, sãoinegáveis.

> A ideologia racista presente nas pessoas e nas instituições leva à reprodução, nas futuras gerações e ao longo do ciclo da vida individual, do confinamento dos negros aos escalões inferioresda estrutura social por intermédio de discriminações de ordens distintas: explícitas ou veladas quer seja institucionais quer individuais, as quais representam acúmulo dedesvantagens.

Racismo no Brasil ocorre quase sempre sutil ou disfarçada maneira. Aqui, quase ninguém tem um comportamento racista preconceituoso e ou Roger Bastide (1955) chamou de "o preconceito de ser prejudicado", o que torna ainda mais difícil de lidar faz um percurso e reflexão da sociedade brasileira na sua formação até os dias atuais, fazendo uma análise da história podemos ver a participação da cultura africana na construção do nosso país, da sociedade e também abordando os costumes diáspora africana e o pan-africanismo serão objetos de pesquisa e revelar a importância de conhecê-la para que possamos compreender os problemas atuais e assim não cometer os mesmos erros no presente e no futuro.

A participação da cultura africana nos diversos ciclos econômicos foi de suma importância para estarmos nesse patamar na sociedade contemporânea atual. Os africanos detinham o conhecimento e a tecnologia nos processos produtivos que os colonialistas europeus necessitavam, além da mão de obra necessária para essa implantação da colonização em solo brasileiro.

O interesse de Portugal era a produção de produtos que tivessem interesse para exportação buscaram meios através do sistema escravocrata para solucionar seus anseios pela riqueza, os europeus justificaram essas prerrogativas dentro da ciência para escravizar os indígenas e os africanos, o

fatiamento do território africano, entre outras questões que pudessem favorecer seus interesses, sempre visto unilateralmente.

As consequências e resultados das politicas mercantilistas serão revisitadas de maneira a perceber como nos situamos atualmente e quais os caminhos mais adequados para nossa sociedade

Segundo Guimarães, (2005 p,59)

> O racismo se perpetua por meio de restrições fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas.

De acordo com Guimarães, Costa (2006, p.11), "racismo corresponde à suposição de uma hierarquia qualitativa entre os seres humanos, os quais são classificados em diferentes grupos imaginários de marcas corporais selecionados arbitrariamente" como: cor pele, textura do cabelo, forma do nariz, entre outras características que distinguem diferentes temas de diferentes grupos étnicoseraciais.

> Raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas Revista do Difere - ISSN 2179 6505, v. 3, n. 6, dez/2013 e corporais etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 63 - grifo do autor).

A análise de Silva nos ajuda a entender as distorções nas relações étnicas- raciais no Brasil, quando afirma que:

> Em uma sociedade onde os grupos sociais em contato têm relações políticas, econômicas e sociais desiguais, a diferença não é reconhecida e é transmutada em inferioridade. Isso porque reconhecer as diferenças significa reconhecer as desigualdades de oportunidade a queestão submetidas (SILVA, 1996, p.121).

Os movimentos sociais, especialmente o movimento negro e suas diferentes organizações, nas últimas décadas, programaram projetos

educacionais e socioeducacionais, com o objetivo de contribuir para a formação de temas críticos reflexivos, conscientes de seu papel como cidadãos, entre outras ações, fazendo a diferença na luta por uma educação pública, democrática e de qualidade, referenciada na proposta multicultural da sociedade. Ou seja, faça a diferença na mudança de paradigmas sociais que tanto prejudica os grupos e os indivíduos em seus direitos civis e igualitários (ARAÚJO, 2012).

Além dos indicadores sociais, Censo 2010, PNAD 2011, entre outros, indicadores educacionais, IDEB 2011, também mostram as desigualdades que permeiam o sistema educaciona nesses indicadores, pode-se afirmar que as desigualdades sociais e educacionais desempenham um papel decisivo na estratificação social dos brasileiros, particularmente na estratificação social da Bahia, na qual a população negra, como já mencionada, é superior a outro étnico Bahia.

A estratificação social, por outro lado, tem repercussões na historiografia oficial, que apresenta maior ênfase à existência de figuras históricas, como AnaNery, Carlos Drummond de Andrade, Princesa Isabel e muitas outras personalidades brancas, como Maria Felipa. Luiz Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, Cruz e Souza, João Cândido, Dandara, Luíza Mahin, Madre Menininha do Gantois, entre muitos outros nomes negros, ainda desconhecem muitos brasileiros.

A religiosidade tem elementos da capoeira inicialmente desenvolvida para ser uma defesa ensinada aos negros cativados ao serem capturados, mas ao longo do tempo ficou mais próxima a dança. Na música, os tambores e outras peculiaridades da tradição africana incorporam aos trajes das baianas com os trajes brancos, colares, turbantes para compor aspectos da religiosidade de matriz africana, os cortejos carnavalescos possuem muito do significado religioso.

Embora não reconhecida foi ganhando espaço entre os frequentadores e alguns instrumentos como o tambor, atabaque, cuíca, alguns tipos de flauta, marimba e o berimbau também são herança da

cultura africana os escravizados eram proibidos de frequentar as igrejas católicas onde os brancos estavam muitos foram convertidas ao catolicismo, mas não poderiam entrar nessas igrejas.

A partir do século XVI até o século XIX o produto de exportação produzido pelos escravos era chamado de ouro branco assim era conhecido o açúcar um produto consumido e de grande valor comercial na Europa antes dele os europeus só conheciam o mel como adoçante. A valorização desse produto fez a França e a Inglaterra os países mais ricos daépoca.

O cultivo em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro por quase 150 anos fez com que as propriedades rurais prosperassem, a região foi estratégica, pois era própria para o seu cultivo além de ficar mais próximo do destino final. Enquanto houve escravidão, o açúcar foi a base da economia nacional, os escravizados eram responsáveis pelo plantio, cultivo e o processamento até conseguir chegar a Europa.

Às vezes havia rapadura e cachaça, muitos plantavam para conseguir complementar as alimentações muito pobres muitos trabalhos exercidos pelo negro na cidade eram melhores do que os do campo, sempre exerciam trabalhos ruins, pesados e sujos; erampedreiros, estivadores, cozinheiras e lavadeiras viviam em cortiços (escravos de ganho), havia outra categoria “escravos de aluguel” eram alugados a outro senhor por tempodeterminado.

A grande maioria dos escravos estava alheia em relação a toda essa política em torno de sua libertação, afinal, com raríssimas exceções, eles não sabiam ler nem escrever, a escravidão não os estimulava a pensar e agir, apenas obedecer os escravos que viviam nas cidades estavam mais atentos ao que acontecia para seus donos e podiam ficar com algum dinheiro desse trabalho., portanto, quando foram libertos, os negros não tiveram condições de se igualarem no mercado de trabalho, eram considerados inferiores e sem qualificações. Para os negros da época, a ideia de acumulação de riqueza era praticamente estranha. O ex-escravo passa a viver para suprir apenas suas necessidades, renunciando ao modelo de parceria.

Sendo o café a alternativa, restava ainda resolver a questão da força de trabalho, questão de grande inquietação nacional então em debate no país: como fazer a transição da economia brasileira para a produção de café se não havia no país mão-de-obra disponível? A formação da sociedade brasileira foi fortemente marcada por grandes deslocamentos populacionais. O tráfico de escravos foi o mais importante desses fluxos, contudo, desde a primeira metade do século XIX.

Com o iminente fim da escravidão, a possibilidade de introduzir trabalhadores europeus esteve na lista das ações políticas brasileiras como solução da escassez de mão-de-obra. os imigrantes já tinham noção de salário e administração do tempo, além de a mão-de-obra estrangeira ser considerada melhor qualificada que estimulava a demanda pelos estrangeiros era a possibilidade da exploração de um trabalho familiar, muito mais vantajoso para o fazendeiro que o trabalho do nativo livre, cuja mulher e filhas restringiam-se às atividades domésticas.

Para o capital cafeeiro estava claro que seria alto o custo da imigração internacional, dado a inerente mobilidade do trabalhador livre, logo, seria necessário se utilizar do Estado para viabilizar economicamente a grande entrada de imigrantes no mercado de trabalho cafeeiro. sediadas em diversas cidades européias, incentivando a imigração.

A diáspora africana e o panafricanismo serão objetos de pesquisa e revelar a importância de conhecê-la para que possamos compreender os problemas atuais e assim não cometer os mesmos erros no presente e no futuro a participação da cultura africana nos diversos ciclos econômicos foi de suma importância para estarmos nesse patamar na sociedade contemporânea atual.

Os africanos detinham o conhecimento e a tecnologia nos processos produtivos que os colonialistas europeus necessitavam além da mão de obra necessária para essa implantação da colonização em solo brasileiro o interesse de Portugal era a produção de produtos que tivessem interesse para exportação, buscaram meios através do sistema escravocrata para solucionar

seus anseios pela riqueza, os europeus justificaram essas prerrogativas dentro da ciência para escravizar os indígenas e os africanos, o fatiamento do território africano, entre outras questões que pudessem favorecer seus interesses, sempre visto unilateralmente e resultados das politicas mercantilistas serão revisitados de maneira a perceber como nos situamos nos dias atuais e quais os caminhos mais adequados para nossa

No entanto, mesmo com essas mudanças, "a educação brasileira ainda não fornece aos usuários de equipamentos educacionais acesso à diversidade cultural para cada cidadão, para a cultura universal que é exclusiva de sua comunidade, região e país" (MACEDO, 2008, 91) nesta perspectiva, Arroyo (2007: 119) afirma que "a escola tem sido e continua a ser extremamente reguladora dos diferentespovos socialmente e culturalmente marginalizados e coletivos" aponta que "a estrutura do sistema foi ao serviço da regulamentação deste grupo, neste contexto, o diálogo não será fácil, será tenso e marcado por uma forte resistênciapara renunciar a esse papel regulador e assumir um papel emancipador.” (ARROYO, 2007.)

A escola como um espaço onde a diversidade está presente, um lugar onde diferentes assuntos são encontrados, bem como uma zona de conflito permanente, uma vez que as diferentes culturas estão correlacionadas, tem a obrigação deremeter e tornar visível em seu currículo a diversidade de assuntos e culturas que estão presentes no seu espaço. Conforme observado por Candau (2010, p.13), Journal of Difere - ISSN 2179 6505, v. 3, n. 6, dezembro / 2013 "não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se encontra".

“Nesse sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “sem educação”, que é totalmente desconectada das questões culturais da sociedade”. Nesse sentido, Santomé (1995, p.176) afirma que:

> As salas de aula não podem continuar sendo um lugar de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções de mundo que se ocultam sob cada uma delas e os principais problemas da sociedade a que pertencem.

D'Adesky (2009, 196) chama a atenção para a reflexão de que "a mápercepção de um grupo pela sociedade pode gerar em seus membros um complexode inferioridade".

Para o autor citado, "a reversão da imagem negativa do grupoexige medidas em áreas que dizem respeito à educação,

“A cultura, à mídia, mas também à política e à economia” (D'Adesky, 2009, p.196). Ele também ressalta que "o reconhecimento igual e recíproco também passa pela percepção adequada da imagem do grupo ao qual o indivíduo pertence" (D'Adesky, 2009,196).

> A influência do negro se reconhece na alimentação, na música, no vocabulário, no vestuário, nas seitas e crenças religiosas (umbanda e candomblé). Não se costuma fazer menção às técnicas agrícolas e à pecuária, nem à avançada tecnologia metalúrgica, dominada por africanos naquela época, para não falar em astronomia, medicina, matemática, engenharia, navegação e construção naval, as bases da filosofia e outros conhecimentos que os africanos dominavam hámilênios.

Ainda que a escola sozinha não seja capaz de reverter anos de desqualificação da população negra e supervalorização da população branca, em longo prazo ela pode desempenhar um importante papel na construção de uma nova cultura, de novas relações que vão além do respeito às diferenças. Possibilitando que todas as vozes possam ecoar no espaço escolar, chegar a consciência de que é na diversidade que se constrói algonovo. Acredita-se que uma prática educacional diária, com ações sistematizadas, terá um efeito a médio e longo prazo se for desenvolvida a partir de uma perspectiva multicultural e antirracista.

Também se acredita que é necessário transformar os diferentes espaços educacionais em configurações de inclusão; combater

relações prejudiciais e discriminatórias; troca de ideias; de incentivos a mudanças de pensamentos e atitudes negativas sobre o outro e sua cultura, considerada inferior; respeito pela diversidade;

Resgatar a autoestima dos grupos historicamente estigmatizados, radicalizados e excluídos; e, acima de tudo, reconhecimento e apreciação da história e identidade desses grupos, bem como a afirmação do caráter multiétnico e multicultural de nossa sociedade.

A liberdade era o sonho de todo afrodescendentes, mas a discriminação fez com que fosse protelada diversas vezes, contudo lutaram para que esse dia chegasse, embora tardiamente em nosso solo, seus descendentes tiveram dificuldade para que seus direitos fossem reconhecidos, foi sancionado o direito as cotas por um período, no sentido de reparar as injustiças cometidas no passado linguagens artísticas ajudaram muito a presevar a cultura africana e que continuasse presente no Brasil embora seus eus ancestrais praticaram e cultuaram através da oralidade e transmitiram aos seus descendentes suas tradições.

Em relação a ensino mesmo com os desenvolvimentos derivados das leis 10.639 / 03 e 11.645 / 08 e suas correspondentes orientações curriculares nacionais que orientam a construção da educação em vínculo étnico-raciais neste trabalho destinam-se a cooperar para a argumentação sobre o resgate e a do destaque da história e cultura africana e afro-brasileira em ambientes de espaços sociais, em único no espaço escolar.

- **Etnocentrismo -** Visão de mundo que considera o grupo a que o indivíduo pertence o centro de tudo. Elegendo como o mais correto e como padrão cultural a ser seguido por todos, consideram os outros, de algumas formas diferentes como inferiores.
- **Identidade Étnica -** Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa que a faz reconhecerem-se pertencente a um determinado povo, ao qual se liga por traços comuns de semelhança física, cultural e histórica.

- **Afro-brasileiro -** Adjetivo usado para referir-se à parcela significativa da população brasileira com ascendência parcial ou totalmente africana.
- **Preconceito Racial -** Conjunto de valores e crenças estereotipadas que levam um indivíduo ou um grupo a alimentar opiniões negativo a respeito de outro, com base em informações incorretas, incompletas ou por idéias preconcebidas.
- **Racismo -** Estrutura de poder baseada na Ideologia da existência de raças superiores ou inferiores. Pode evidenciar-se na forma legal, institucional e também por meio de mecanismos e de práticas sociais. No Brasil, não existem leis segregacionistas, nem conflitos de violência racial; todavia, encoberto pelo mito da democracia racial, o racismo promove a exclusão sistemática dos negros da educação, cultura, mercado de trabalho e meios de comunicação.

. Nessa direção, o Müller (2008, p.25) nota:

> A ideologia racista inculcada nas pessoas e nas instituições leva à reprodução, na sucessão das gerações e ao longo do ciclo da vida individual, do confinamento dos negros aos escalões inferiores da estrutura social por intermédio de discriminações de ordens distintas: explícitas ou veladas quer seja institucional quer individuais, as quais representam acúmulo de desvantagens.

Segundo Guimarães (2009: 59):

> O racismo se perpetua por meio de restrições fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda e de educação, por meio de desigualdades sociais que separam brancos de negros, ricos de pobres, nordestinos de sulistas.

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir, os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição e medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações, ao analisar o passado de um povo, baseada

unicamente nos preceitos de seus torturadores refletir sobre a diversidade cultural exige de nós uma posição crítica e política e uma perspectiva mais ampla as práticas racistas, a discriminação e os preconceitos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão das culturas africana e afro-brasileira é necessária, especialmente se pensarmos nelas como culturas marginalizadas, devemos pensar na diversidade brasileira como traço fundamental na construção de uma identidade nacional, onde a divisão da sociedade em raças não pode acontecer, pois todos pertencem a uma mesma raça: a Raça Humana, por tanto as práticas de racismo devem ser abolidas, de forma que as diferenças externas deixem de ser um fator determinante de superioridade ou inferioridade entre os sujeitos.

Não podemos deixar que perpetuem pelas próximas gerações a ideia de que as diferenças étnicas e culturais sejam sinônimas de desigualdades dentro do nosso país, já que nós brasileiros vivemos em meio, onde uma cultura pode estar intercalada a outra, por isso a escola deve ser uma das responsáveis a incentivar o respeito pelas diferenças, pelas culturas existentes no nosso país, além de proporcionar e estimular a construção de conhecimentos relacionados à história da formação do povo brasileiro e as culturas que aqui circulam, principalmente a afrobrasileira.

Através de noções da diversidade cultural existente no país em que ela vive, no nosso caso, o Brasil, as crianças podem ser influenciadas moralmente, considerando que o “respeito” pelo próximo é a questão mais explorada pelo educador que trabalha com esta temática.

Tudo isto já está previsto na legislação brasileira, porém nem todas as escolas demonstram indícios da inserção desta problemática, onde proporcionar oportunidades para o educando reconhecer-se como um sujeito social digno e capaz, que faz parte da história do Brasil, dando-lhes a

oportunidade de tomar consciência da importância de sua atuação no contexto em que vive, promovendo respeito pelas diversas etnias, é o papel que a escola deve assumir na sociedade.

No entanto, entende-se que uma educação que satisfaça as demandas sociais podemos afirmar que o racismo existente na sociedade brasileira com suas relações simbólicas produz estigmas e situações em que, ao longo da história, levou uma grande parte da população afro-descendente a negar sua própria cultura as relações de poder estão presentes em todos os espaços sociais, particularmente na educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. A. A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990. Dissertação de Mestrado. PPG em Educação e Contemporaneidade. Salvador: UFBA, 2013. Disponível: http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2013/jurandir_de_almeida_araujo.pdf>. Acesso: 12/05/2026

ARROYO, M. G. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. In: GOMES, N. L. (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. pp. 111-130.

BASTIDE, R. Manifestações do preconceito de cor. In: FERNANDES, F.; BASTIDE, R. (Orgs.). Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: São Paulo: Anhembi, 1955.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: questões, tendências e perspectivas. In: CANDAU, V. M. (Org.). Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. pp. 11-101.

CANEN, A. Universos Culturais e Representações Docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. Educação & Sociedade, ano XXII, n. 77, Dezembro/2001.

COSTA, S. Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. .

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. S. (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. pp. 83-96.

GUIMARÃES, A. S. A. Racismo e anti-racismo no Brasil. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 59.

MACEDO, C. A. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. In: BARROS, J. M. (Org.). Diversidade Cultural: da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. pp. 76-87.

MÜLLER, M. L. R. Desigualdades raciais na educação e a Lei 10.639/03. In: NUNES, A. E. da S. S; OLIVEIRA, E. V. (Orgs.). Implementações das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação profissional e tecnológica. Brasília: MEC/SETEC, 2008. pp. 20-28.

MUNANGA, K; GOMES, N.L. Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos. São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, E. L. (Org.). Cultura em Movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2008.

WWW.SLEDITORA.COM
WHATSAPP (11)978414455
SLEDITORA.ARTIGOS@GMAIL.COM